

## Ideologia e Fantasia

L. J. S. BALDINI (UNIVÁS)  
ljsbaldini@gmail.com

A Análise de Discurso de linha francesa pretende articular três ordens do real: o real da língua, o real da história e o real do inconsciente, uma vez que esses três reais se conjugariam no objeto de análise, a saber, o discurso. Tal empreendimento teórico se assentou em alguns nomes célebres, como Lacan, Althusser e Pêcheux, produzindo uma (re)leitura das obras de Freud, Marx e Saussure, no que ficou conhecida como a Tríplice Aliança. Essa aliança não cessa de (não) fazer sentido, isto é, de (não) integrar os saberes de que parte numa totalização.

Talvez fosse interessante começar retomando Maingueneau (1990), quando este retoma o problema das articulações entre os pressupostos teóricos da AD, indicando três soluções possíveis: a) continuar trabalhando como se não houvesse nada; b) manter a AD inscrita nessa conjuntura teórica de aliança entre Psicanálise e Marxismo, ou c) repensar seus fundamentos. Como geralmente costuma acontecer, é preciso pensar qual a solução não apresentada, e que, de fato, se mostra como a mais adequada e, além disso, intervir no pressuposto da questão. E se a própria natureza da AD e de seu surgimento fizessem desta uma disciplina problemática – e aí estaria sua virtude, e não defeito? E, ainda, se a solução fosse aquela inexistente no texto de Maingueneau, ou seja, insistir numa aliança entre os saberes de que a Análise de Discurso fez seu solo, de maneira crítica, como nos orienta Pêcheux, por exemplo, em sua retificação de 1982? Essa aliança (im)possível, portanto, uma vez que se trata de objetos teóricos irreduzíveis uns aos outros, só pode permanecer no horizonte de uma contínua retomada crítica de seus fundamentos que produz tentativas de articulação.

É o que gostaríamos de propor ao trazer à discussão o conceito do filósofo esloveno Slavoj Žižek de fantasia ideológica (1990, 1994). Fazendo uma “leitura política” do grafo do desejo de Lacan, o autor indica que na última formulação do gráfico o nível de significação está abaixo do nível do gozo. Tendo isso em vista, o autor vê aí a necessidade de formular duas análises do discurso complementares: uma procuraria desconstruir o texto, evidenciando como um dado campo ideológico é totalizado pela intervenção de pontos de basta; outra procuraria ir além desse campo e buscaria extrair o núcleo do gozo, mostrando como, além do campo da significação, mas, ao mesmo tempo, dentro desse campo, uma ideologia implica um gozo pré-ideológico que a estrutura.

Parece-nos que, nesse ponto, Žizek ultrapassa o conceito althusseriano de ideologia, que insiste numa dissimetria entre a “representação” e a “realidade”, ao formular o conceito de *fantasia ideológica*, em que o que está em jogo não é o desconhecimento ou a representação falsa e imaginária da realidade, pois “*o que [os indivíduos] desconsideram, o que desconhecem, não é a realidade, mas a ilusão que estrutura sua realidade, sua atividade social*” (1994:316). Assim, “*o nível fundamental da ideologia, entretanto, não é de uma ilusão que mascare o verdadeiro estado de coisas, mas de uma fantasia (inconsciente) que estrutura nossa própria realidade social*” (idem, ibidem). Essa fantasia mascara um núcleo traumático que seria interessante para a Análise de Discurso trabalhar, em sua relação: do lado da língua, a lógica do significante, o simbólico como instância puramente diferencial, sem substância; do lado da história, o antagonismo, uma divisão social traumática que não pode ser integrada à rede simbólica e, por fim, do lado do inconsciente, a falta de relação sexual.

Não estaríamos, aqui, trabalhando, ao mesmo tempo, dentro e fora da ideologia, na medida em que “*antes de ser captado na identificação, no reconhecimento/desconhecimento simbólico, o sujeito (\$) é captado pelo Outro através de um paradoxal objeto-causa do desejo em meio a isso, (a), mediante o segredo supostamente oculto no Outro:  $\$ \leftrightarrow a$  – a fórmula laciana da fantasia*”? (idem:322). Não estaríamos, nesse ponto, justamente no seio daquilo que estrutura a própria ideologia e, além disso, daquilo que estrutura a própria Análise de Discurso?

## BIBLIOGRAFIA

MAINGUENEAU, D. (1990) “Análise de Discurso: a questão dos fundamentos”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos (19)*. Campinas: UNICAMP/IEL.

ZIZEK, S. (1990) *Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. (1994) “Como Marx inventou o sintoma?”. In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.